18:02 84%

Opinião do GLOBO

Calor recorde expõe urgência de cortar emissões

Apesar das temperaturas mais altas já registradas, humanidade tem andado a passos mais lentos do que deveria

A palavra "anomalia" tem um sentido técnico específico em ciência climática. Trata-se do desvio — para mais ou para menos — de uma medição em relação à média esperada. Não é necessariamente uma variação extrema, mas as anomalias de temperatura registradas em 2023 foram anômalas também no sentido mais comum da palavra. Nunca a Terra registrou temperaturas tão acima da média esperada. O ano de 2023 foi, de longe, o mais quente já medido. Recordes foram quebrados repetidas vezes. Junho foi o mês mais escaldante até julho chegar. Depois agosto, setembro... e assim sucessivamente, até dezembro.

O Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus, agência europeia do clima, constatou que metade dos dias de 2023 registrou temperatura 1,5ºC acima do nível pré-industrial. A média da temperatura global foi de quase 15ºC, 0,17ºC acima de 2016, até então ano mais quente da História. O cruzamento de dados de satélites com evidências geológicas mostra que 2023 figura como o mais quente dos últimos 100 mil anos. As medições da Nasa, que serão divulgadas ainda nesta semana, deverão corroborar a constatação.

É verdade que as temperaturas foram influenciadas pelo El Niño, aquecimento cíclico das águas do Pacífico que se formou na metade do ano e influenciou os últimos meses. Mas os gráficos são eloquentes ao demonstrar a anomalia — não no sentido técnico. No ano passado, a temperatura ficou, na média, 1,48ºC acima da segunda metade do século XIX. No Acordo de Paris, em 2015, as nações se comprometeram a limitar o aquecimento global a 2ºC e, se possível, a 1,5ºC até o fim do século. A meta provavelmente ficará para trás bem antes do previsto.

Cientistas já se perguntam se 2023 seria a prévia de uma aceleração no aquecimento global de consequências inimagináveis. A escalada nas temperaturas traz insuportáveis ondas de calor, tempestades arrasadoras, incêndios devastadores e letais, derretimento de geleiras e aumento no nível dos oceanos. Não se trata de teorias apocalípticas. Boa parte desses fenômenos foi testemunhada por habitantes de diferentes países e regiões em 2023. Tudo indica que 2024 não será diferente.

Os recordes sucessivos nas anomalias de temperatura são resultado da incapacidade de conter as emissões de gases de efeito estufa. Dão um recado contundente sobre a necessidade de medidas eficazes para cortá-las. Infelizmente, a humanidade tem andado a passos mais lentos que o necessário para remediar seus efeitos no clima.

Não se pode dizer que não exista consciência no mundo sobre a urgência de combater aquecimento global, até porque populações de todo o planeta estão mais vulneráveis. Mas, por razões econômicas e políticas, nem sempre essa compreensão se traduz em ações concretas no tempo necessário.

As conferências da ONU para tratar do tema costumam produzir avanços tímidos. Apenas na última, a COP28, realizada em Dubai no final do ano passado, houve a primeira menção oficial à necessidade de promover uma transição energética para além dos combustíveis fósseis. Ao mesmo tempo, a indústria de óleo, gás e carvão — responsável por 75% das emissões — continua prevendo explorá-los por algo como duas décadas. Esperam-se medidas mais decisivas para a COP30, marcada para Belém em 2025. É preciso agir rápido, porque o tempo do planeta está se esgotando.

Piora fiscal põe em xeque plano de zerar o déficit aumentando receitas

Ou bem Haddad apresenta projeto de corte de gastos, ou então jogará fora credibilidade que conquistou

Entre as vitórias do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no ano passado está a busca pelo déficit primário "mais próximo possível de zero" em 2024. Ele conta com trunfos como a credibilidade conquistada junto ao mercado financeiro, a melhora na nota do Brasil nas agências de avaliação de risco, pela primeira vez em mais de dez anos, e o recorde nos resultados da balança comercial. Isso tudo, porém, já é passado. O importante é saber o que acontecerá daqui para a frente. Há dúvida razoável se o Planalto sustentará uma política econômica condizente com o compromisso de Haddad. Os últimos dados do Banco Central revelam a dimensão das dificuldades que ele enfrentará para cumprir o objetivo.

Reflexo da queda na arrecadação tributária e dos gastos instaurados pela PEC da Transição, o déficit de janeiro a novembro de 2023 chegou perto de R$ 120 bilhões, pouco acima de 1,1% do PIB. O saldo negativo até novembro foi o pior resultado desde 2020, ano atípico em que o rombo nas contas públicas passou de R$ 651 bilhões em 11 meses. Nos 12 meses até novembro, o déficit primário, de R$ 131 bilhões, foi de 1,22% do PIB, distante do zero e superior ao 1,06% registrado no período encerrado em outubro.

Como resultado do déficit em crescimento, a dívida pública aumentou 2,1 pontos percentuais, para 73,8% do PIB, patamar elevado para uma economia emergente. Ao todo, as contas públicas pioraram em R$ 260 bilhões ao longo do ano, uma virada de 2,6 pontos percentuais do PIB na direção contrária à necessária para equilibrá-las.

Em documento recente, o PT acusa a política econômica de "austericídio fiscal". Mas os números mostram uma realidade bem diferente. Não pode ser esquecido que a PEC da Transição, aprovada no final de 2022, já sob influência do governo que assumiria, autorizou gastos adicionais de R$ 169 bilhões. Mais que o déficit de janeiro a novembro. Recursos foram destinados ao Bolsa Família, saúde, educação, bolsas de estudos, entre outras políticas públicas. Por mais meritórias que sejam as despesas, é preciso ter consciência do seu impacto nas contas públicas.

O novo arcabouço fiscal e as medidas aprovadas para aumentar a arrecadação deixaram claro que a intenção do governo é tentar cobrir o aumento de despesas com mais receitas. É uma estratégia que tem tudo para dar errado. Os dados negativos do final de ano não aconselham otimismo com a meta de déficit "mais próximo possível de zero" e dos superávits de 0,5% e 1% do PIB em 2025 e 2026. Calcula-se que, para isso, seria necessário um esforço fiscal da ordem de R$ 300 bilhões. Dinheiro demais para extrair de uma sociedade que já arca com uma carga tributária altíssima e onde os empreendedores encontram enormes dificuldades para investir seu capital e fazer a economia crescer. Ou bem Haddad apresenta logo um plano de cortes e otimização dos gastos públicos, ou então lançará pelos ares a credibilidade tão duramente conquistada.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

VERA MAGALHÃES

blogs.oglobo.globo.com/vera-magalhaes
vera.magalhaes@oglobo.com.br

Frente ampla, parte 2

Desde que começou seu caminho de volta à Presidência, Lula parece ter aprimorado uma qualidade que sempre lhe foi atribuída: promover encontros improváveis na política. Foi um espanto generalizado quando vieram a público as primeiras conversas para a composição da chapa Lulalckmin. Quem se lembrava dos impropérios lançados de parte a parte na eleição de 2006 jurava ser impossível unir o petista e o ex-tucano na mesma chapa. E olha no que deu.

O segundo turno foi pela mesma linha, com a criação da frente ampla que juntou no barco a ex-oponente Simone Tebet, que virou ministra. Na composição do governo, o presidente eleito resolveu exercitar o dom de convencer quem está confortável numa posição a aceitar outra para lá de espinhosa. Funcionou com José Múcio, deu errado com Josué Gomes.

Na virada de 2023 para 2024, Lula fez duas apostas mais arriscadas: tirar Ricardo Lewandowski das perspectivas vantajosas de aposentadoria do STF e portas abertas na iniciativa privada para assumir o Ministério da Justiça; e levar Marta Suplicy de volta ao seio petista. E não é que ambas vão avançando casas a passos largos?

A chapa Guilherme Boulos e Marta vem da mesma incubadora que gestou Lulalckmin. Parte do mesmo diagnóstico sobre a polarização: a necessidade de quebrá-la e de tornar o cabeça de chapa — antes o próprio Lula e depois Boulos, em quem todos veem profundas semelhanças com o líder metalúrgico que ascendeu nos anos 1970 — mais palatável ao complexo eleitor de São Paulo. Funcionou em 2022. A diferença no Estado de São Paulo entre Bolsonaro e Lula foi bem inferior à registrada entre Bolsonaro e Fernando Haddad quatro anos antes, e esse resultado foi tão importante quanto a vitória no Nordeste para determinar a eleição do petista.

A chapa Guilherme Boulos e Marta vem da mesma incubadora que gestou Lulalckmin

Com Marta, a missão será dupla: conquistar corações e mentes num eleitorado de centro, ou mesmo conservador não radical, mas também neutralizar a rejeição à ex-prefeita entre os simpatizantes do próprio PT e da esquerda.

Existe um estigma para quem deixa o PT, partido sem sombra de dúvida com a mais clara identidade (ame-o ou odeie-o) da política brasileira. Para o petista, o desertor sempre será um traidor. Para os demais, sempre será um petista. Marta sofreu com essa escrita nos anos em que permaneceu fora do partido.

Sua oposição ferrenha ao bolsonarismo e sua militância aguerrida para ajudar na composição da frente ampla, somadas ao fato de nunca ter rompido pessoalmente com Lula, lhe renderam a reabilitação, mesmo tendo votado pelo impeachment de Dilma Rousseff. Um caso único, pode-se dizer.

Não se sabe como isso será assimilado de forma orgânica pelo eleitor e por Boulos, que claramente recebeu um prato feito de alguém a quem não pode contrariar caso deseje ser, de fato, um candidato com chance de vitória e bom cenário de governabilidade caso ela se efetive.

Marta tem na aproximação de seu chefe até ontem, Ricardo Nunes, o álibi perfeito para trocar de time de forma tão abrupta. Terá de equacionar a presença na chapa com uma espécie de voto de silêncio para não criticar a gestão de que fez parte. Não é impossível, dado seu legado concreto de obras e políticas públicas na cidade, mas é algo que será explorado exaustivamente pelo time de marketing de Nunes e, caso seja candidato, de Ricardo Salles, o bolsonarista raiz cuja candidatura ainda não está garantida.

O jogo em São Paulo vai ganhando, assim, contornos definitivamente nacionais. E Lula dá uma chave de corpo em Bolsonaro saindo na frente na montagem de seu lado do tabuleiro, enquanto o ex-presidente brinca de fazer muxoxo entre os dois possíveis candidatos de seu campo. O discurso para a frente ampla, parte 2, está pronto para ser colocado em campo.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Alves, André Visser da Fábula Bartolosa, Luiza Bapteista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwwan - leila.suwwan@oglobo.com.br
Saúde: Achara Dias Lopes - achara.dias.lopes@oglobo.com.br
Segunda Capa: Marcelo Dantas - marcelo.dantas@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - andre.sarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Caroline Goulart - goulart@globo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Batista - batista@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@globo.com.br
Ela: Mariana Caruso - mariana@globo.com.br
Bairros: Valter Calmon Filho - valter.calmon@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito
ou débito automático em conta-corrente
(preço de seguinte ao mês)
(para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90)
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobranças de multa ou renovação de assinatura. Desconfie se qualquer contato a respeito desses temas. Fique de O GLOBO em seu jornal de vendas, acesse para verificar o status de seu jornal.

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5501 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350
Missas, religiosos e Kinders: (21) 2534-4313
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

Leia mais e fale pagina
Certificado FSC

CARBON FREE